

AMARELINHA

Marize atravessa a rua apressadamente. Não repara nas crianças que aí brincam, como sempre, de amarelinha. Geralmente diz uns gracejos às crianças, mas, hoje, pensa em si somente. Não há mais ninguém.

O vento bate em seus cabelos longos, e, por sua pressa, estes sobem mais que de costume. Aquêles belos cachos louros, em uma cabeça bonita, chamam a atenção de todos. Mas ela não vê ninguém.

Interessante. Em sua pressa, não mais pensa em sua perna. Pensa em si, em si somente, em Marize, um ser. Não em uma perna, ~~mostrando~~ ^{em} uma parte de um todo. Esta perna, que lhe causava tanta angústia, passou a ser toda a môça que ela era.

- O doutor Celso não chegou ainda, - disse-lhe a enfermeira, com um sorriso ~~amável e piedoso~~, - A senhora veio muito cedo.

- Sabe como é, não se aguenta esperar... Será que ^{a senhora me} você pode dizer-me o que acharam? Há recursos?

A enfermeira calou-se. Talvez por realmente não saber, mas o certo era que não achava ser sua a tarefa de discutir com os clientes os resultados médicos, especialmente em casos como este.

Marize folheou umas revistas, mas, por fim, já nem isto queria fazer. ~~Parece que~~ Todas as fotografias nelas estampadas eram de môças bonitas, andando de bicicleta, com pernas sadias, môças de maiô, com pernas roliças, anúncios de meias de "nylon", mostrando pernas... pernas... Não! - Pensou ela, - Não posso perder minha perna.

O médico entrou com um largo sorriso, com o mesmo jeito de sempre. - (Jamais se pode saber o que êsses médicos pensam; parece que usam u'a máscara.) - Foi o pensamento de Marize. Cumprimentou-a, como de costume, e ^{fê-la} ~~fê-la~~ entrar em seu gabinete.

- Então, Marize, como vai?

- Por favor, doutor Celso, não me pergunte por nada... Diga-me somente, doutor, qual é o resultado?

A sua demora em responder já era uma indicação certa da resposta não desejada. Marize apertava fortemente suas mãos contra os braços da cadeira, e, por mais que se esforçasse, não conseguia ter paciência, nem pensar em outra coisa.

- Fomos de opinião que o mais difícil terá que ser feito. Sua vida é o mais importante, e ela poderá ser tão útil quanto antes, ^{embora} ~~apesar de um pouco~~ mais difícil, se cumprirmos nosso dever. Caso contrário, não poderemos salvá-la.

- O senhor quer dizer, então, que terão que amputar.

Fazer outra end

- Muitos cidadãos ilustres, benfeitores da humanidade, tiveram que submeter-se a operações idênticas.

Com palavras meigas e conselhos hábeis, o médico tentava aliviar a dor, o pesar que cortava a alma da jovem. Ofereceu-se também para chamar um táxi, que a levasse de volta à sua casa.

- Não, muito obrigada. Quero andar... Andar com minhas duas pernas, assim como o fiz quando vim... Quero andar, doutor... Andar...

O caminho de volta pareceu-lhe muito mais longo... Sua dor era imensa. Não queria, não podia viver assim. Preferiria morrer!

Já não estavam as crianças que antes brincavam na calçada. O vento já não soprava como antes. Uma nuvem escura cobria o céu...

Marize preferiu não tomar o elevador. Subira pela escada os sete pavimento que a conduziam ao seu apartamento. Quisera ter alguém para em seus ombros chorar, mas... atirando-se à cama, chorou amargamente. Pensou bastante, abriu os olhos, e enxugando-os, alhou o céu escurecido por uma nuvem de chuva. De seu apartamento, parecia estar mais perto do céu.

De um pulo, levantou-se e correu até a sacada. Olhou em derredor. Tudo deserto. Olhou fixamente para baixo. Na calçada, onde antes brincavam as crianças, viu uns riscos leves de giz branco, mostrando seis casas e o céu...

(1) sees accident
where fiancee
died maybe
for some time
do plane